



## Mov invenções em pesquisa: um como dizer com QR Codes

*Mov inventions in research: "how to say" with QR Codes*

Róger Alber naz De Araujo<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-4531-3134>  <http://lattes.cnpq.br/6793218387760560>

Tamires Guedes dos Santos<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-3158-2643>  <http://lattes.cnpq.br/6173204778238697>

Cecília Oliveira Boanova<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-5387-5474>  <http://lattes.cnpq.br/9144865653800928>

### RESUMO

O presente artigo pretende recolher marcas de um percurso de uma pesquisa de dissertação de mestrado intitulada "Sem título & com muitos nomes", a partir da utilização do Método Maquinatório de Pesquisa. Para tanto, os pesquisadores fabulam acerca de como o método funciona no trabalho em questão e como implica e envolve a língua e a linguagem a partir da literatura; um código aberto que se constitui durante os movimentos do pesquisar. Um procedimento para mapear os deslocamentos que a pesquisa inventa-cria, quando acontece um encontro: QR Codes e pesquisadores. QR Codes: um "como dizer" do que a pesquisa insiste em produzir. Movimentos de maquinações abstratas de um outro código em uma mesma língua. Um diagrama. Mov invenções.

**Palavras-chave:** Educação; Filosofia da Diferença; Método Maquinatório de Pesquisa; QR Codes; Mov invenções.

### ABSTRACT

*This paper aims to collect marks of the process involving the master's thesis entitled "Untitled & with many names", which designed is based on the Machinatory Research Method. Therefore, the researchers investigate the method application in thesis and how it implies and involves language and linguistics based on literature; an open code that is constituted during the research movements. A procedure to map the displacements that research invents-creates, when takes place an encounter: QR Codes and researchers. QR Codes: "how to say" what the research insists on producing. Movements of abstract machinations of another code in the same language. A diagram. Mov inventions.*

**Keywords:** Education; Philosophy of Difference; Machinatory Research Method; QR Codes; Mov inventions.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, Câmpus Pelotas/RS - Brasil. E-mail: [rogeraraujo@ifsul.edu.br](mailto:rogeraraujo@ifsul.edu.br)

<sup>2</sup> E-mail: [mestretamires@gmail.com](mailto:mestretamires@gmail.com)

<sup>3</sup> E-mail: [ceciliaboanova@gmail.com](mailto:ceciliaboanova@gmail.com)



## 1. INTRODUÇÃO

O “Método Maquinatório de Pesquisa” (De Araujo; Corazza, 2017; 2018) constitui-se de um modo de pesquisar que se escreve em um código aberto, como acontece com o conceito de “Corpo sem Órgãos” (Deleuze; Guattari, 2015b); ou seja, não há uma ordem pré-determinada, nem mesmo peças que possam compor essa máquina a priori. Compõem uma maquinação que acontece durante o movimento de pesquisar, produzindo órgãos parciais que preenchem o meio.

Deparamo-nos, em algum momento, com a necessidade de formalizar as instâncias de deslocamento da pesquisa. Assim, olhamos o trajeto percorrido e recolhemos as matérias que ainda restam, que ainda ressoam. Jogar com o Método e, simultaneamente, dizer acerca disso, faz parte de um lance de prudência da pesquisa, que deseja poder retornar aos seus rastros.

Em uma determinada instância, que não conseguimos precisar quando, fomos assolados pela imagem de organização de um modelo prévio. Pairava a sensação de uma obrigatoriedade em visitar os arquivos dos antecessores que dispuseram do Método Maquinatório. Linhas de outros que poderiam tornar espessas as linhas desta pesquisa. Mas, como esses pesquisadores procederam em suas pesquisas? Como formalizaram e substanciaram as matérias que foram recolhidas? Uma tabela?! Tensionamos que esta pesquisa não cabe em uma tabela e uma tabela não dá conta do movimento dos pesquisadores. De algum modo, a sensação é que não estabelecemos uma boa relação. Uma parada se impõe como necessária; um momento de suspensão, um olhar em volta e a o desejo de escrever em folhas soltas, afirmando a aventura de não se saber aonde se vai chegar e, menos ainda, com o quê. Nesse momento, o Método já funciona com a pesquisa e algo sussurra aos ouvidos: “como dizer?” (Beckett, 2013).

## 2. CRÍTICA SINTOMATOLÓGICA

Como dizer do Método Maquinatório de Pesquisa? Como ele funciona? Como ele produz o percurso da pesquisa? Suspeitamos que se precisássemos dar um nome outro para o que fizemos até então, seria o de “Método Maquinatório de Como Dizer?”. Contudo, o nome não é o que mais importa. Pelo menos, agora não.

Precisamos nos deslocar. O que é necessário para que um texto pare em pé? Ossos de um mapa: 0) desejo; 1) pensamento de partida; 2) perspectivismo; 3) crítica sintomatológica; e 4) clínica maquinatória (De Araujo; Corazza, 2017; 2018). Uma mínima ordem. Aquela que encontramos para nos relacionar com a matéria de pesquisa. E o cochicho continua: o método se abre e desafia a “palavra de ordem” (Deleuze, Guattari, 2015b, p. 11) outra vez.

Os ossos que sustentam este mapa de *QR Codes* foram escolhidos? Foi um ato intencional? Percebemos que não. Fizemos a recolha possível dos ossos que encontramos. Neste caso, a recolha funciona como um aspecto do movimento de deslocamento na relação com as matérias que se pretende tocar. Isso, a partir de um ritmo que permite um ritornelo (Deleuze; Guattari, 2017b), que se define por três aspectos de um mesmo movimento: traçar um ponto no caos; olhar ao redor e



recolher as matérias possíveis; inventar-criar conteúdos e expressões. “Como criar para si um Corpo sem órgãos?” (Deleuze; Guattari, 2015b, p. 11). Se há uma ordem, já é um organismo! Assim, os ossos foram recolhidos ao acaso, conforme apareciam nos percursos de pesquisa. Tensionamos a ordem, pelo desejo de poder desordenar e reordenar os espaços de deslocamento, conforme pesquisa e pesquisador se implicam e se envolvem com as matérias recolhidas.

Esse corpo para em pé? Isso funciona? “Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 11). Mas, como preenchemos cada uma dessas linhas? Como arranjá-las? Como dizer de cada uma? E o que ressoa são as imagens artaudianas (Artaud, 2006) em uma coreografia de intensidades de cores e de texturas que se inscrevem nos corpos, que escrevem com os corpos.

Folhas espalhadas ao chão, canetas coloridas. Deparamo-nos com as condições de possibilidades que se preenchem no papel, que teima em parecer em branco. Jogamos os dados (Deleuze, 2018; Nietzsche, 2021). Arriscamos. Uma primeira anotação: “perspectivismo” (De Araujo; Corazza, 2018). Quais são as perspectivas possíveis de um texto literário? E os outros tipos de texto? Não hesitamos em anotar, um em cada folha: Gramática; Crítica; Mercado. Acontecem três perspectivas. Ao preencher cada uma delas, algo passa, algo pensa que pensa: talvez seja necessário dizer ainda da perspectiva da Linguística. Temos quatro perspectivas, então. “O que se passou?” (Deleuze; Guattari, 2015b, p. 69; De Araujo; Santos, 2021, p. 398). Seria uma traça da Licenciatura em Letras? Afinal, a Linguística trata da língua e este trabalho deseja debruçar-se sobre a língua. Desejo de escarafunchar, de cutucar, de atrever. Ele, o trabalho, dela; ela, a língua, dele. Que algo aconteça.

Uma parada. Quatro cantos. Várias linhas. Verticais. Horizontais. Palavras. Uma tabela. Perspectivismo. Um ângulo de visão. Olhar que rompe à espreita. Acontece a Tabela 1.

**Tabela 1** – Perspectivismo.

	Qualidade do texto	Unidade mínima	
Gramática	Capacidade de incorporá-la	Período	Normatiza
Crítica Literária	Literatura como obra de arte	Gênero textual	Padroniza
Mercado	<i>Best seller</i> = nº de vendas	Gênero textual	Capitalismo
Linguística	Capacidade de incorporá-la	Oração / frase	Limitadora

Fonte: Elaborada pelos autores.

Uma tabela com a apetência de se expressar pela subtração de significantes. Um mínimo de palavras. Esquematizar e também esgotar.

É preciso responder as respostas que a Gramática normatiza e que a língua e o texto reproduzem. A Gramática fabrica uma noção de certo e de errado, que a língua e o texto vociferam. A Gramática toma para si a capacidade de se incorporar como elemento qualitativo do texto, assume a posição de quem mensura e valora. A Gramática outorga para si o juízo que coloca o texto na posição de um bom ou de um mau texto. Juízo de um texto certo ou de um texto errado. A Gramática impõe, assim, normatizações ao texto: pontuação; vocabulário; concordância; ordem das palavras no



período. Unidade mínima. Analítica gramatical. O período. A palavra que se põe de costas para a margem e formaliza a frase capturada no ponto final. A Gramática sentencia que um “bom escritor” deve seguir as regras da própria Gramática.

A Crítica Literária determina a diferenciação entre o texto literário e o texto não-literário. A Crítica Literária valoriza a qualidade do texto, a partir da percepção da literatura como obra de arte, mas impõe seus próprios critérios específicos. A Crítica Literária padroniza o texto literário a partir do Clássico Literário, reconhecido pela inovação e perenidade. A Crítica Literária aprisiona o texto literário. Unidade mínima. Analítica crítica. O gênero textual: poema, romance, conto etc. A Crítica Literária sentencia que um “bom leitor” é aquele que lê os Clássicos e afirma a sua posição como obra de arte.

O Mercado regula os modos de consumo. O Mercado é uma hidra de várias cabeças. O Mercado literário é uma das cabeças. O Mercado literário mensura e valoriza a qualidade do texto pelo quantitativo de consumo da obra: um *best seller*<sup>4</sup>. O Mercado literário funciona investindo em livros considerados fáceis de ler, o que se encaminha o indício de um investimento no consumo de um bem mais palatável. Promove-se essa posição com base em um mercado literário que disponibiliza um quantitativo de títulos que se caracterizam pela facilidade da leitura. Capitalismo implícito: mais-valia monetária que define a mais-valia cultural. O Mercado literário confere a noção de entretenimento ao texto. O Mercado literário se funde com outros mercados. Um *best seller* tende a virar filme. Um filme é entretenimento. O consumo se amplia pelas tendências. O Mercado literário sentencia que um “bom escritor” é aquele que produz em série e que um “bom leitor” é aquele que segue as tendências.

A Linguística encarcera a língua. A Linguística admite variações: regionalismos e tribos urbanas. A Linguística valoriza a língua a partir da variação e estabelece o contraste com uma língua culta. A Linguística fabrica a noção da linguagem adequada e da linguagem inadequada. A Linguística assume seus dualismos. A Linguística limita e distingue, ainda, a língua falada e a escrita, a linguagem informal e a linguagem formal. A Linguística não sentencia as regras da boa Gramática. A Linguística não sentencia as regras da boa Crítica Literária. A Linguística não sentencia as regras do Mercado. A Linguística sentencia que o texto esteja sujeito às suas normas.

Retornam linhas. Quadros pululam e se distribuem à folha. Além dos quadros, possibilidade de novas tabelas. Cada um dos quadros ou tabelas espelha uma coluna da Tabela 1 que tensiona com outra. Quatro perspectivas sobre texto e língua. Algo acontece entre um perspectivismo e outro(s). Entre eles, “tensores” (Deleuze; Guattari, 2015b; De Araujo; Santos, 2021, p. 398). Quadros e tabelas acontecem: Quadros de 1 a 5 e Tabelas de 2 e 3.

---

<sup>4</sup> Nome dado pelo Mercado para demarcar os livros com maior número de vendas.



### Quadro 1 - Entre Gramática e Crítica Literária.

O Clássico Literário é utilizado como exemplo de “como escrever certo” pela Gramática. Por exemplo, em Cegalla (2008)

Fonte: Elaborado pelos autores.

### Tabela 2 - Entre Gramática e Linguística.

Gramática - Linguística	Varição linguística = ERRO
Linguística - Gramática	A “língua culta” segue as regras gramaticais.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme dispõe a Tabela 2, há uma “dupla articulação” (Deleuze; Guattari, 2015b) entre a Gramática e a Linguística. Sob a ótica da Gramática, podemos dizer que a variação linguística na Gramática tem de a ser considerada como ERRO. Já na Linguística, a língua culta tem a obrigatoriedade de seguir as regras gramaticais.

### Quadro 2 - Entre Gramática e Mercado.

Percebemos que o *best seller* tem um uso mínimo da Gramática como estrutura, mas desrespeita o uso de vocabulário rebuscado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

### Quadro 3 - Entre Crítica Literária e Mercado.

O regionalismo pode ser considerado uma substância de expressão possível no Clássico Literário, ao retratar uma realidade. Como, por exemplo, em “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

### Tabela 3 - Entre Gramática e Linguística.

	Produto	Como percebe o outro
Crítica	Clássico literário	<i>Best seller</i> = “não-literário”
Mercado	<i>Best seller</i>	Clássico = “mais um item à venda”

Fonte: Elaborada pelos autores.

Vislumbramos o indício de uma tensão entre *best seller* e Clássico Literário: a Crítica Literária parece não considerar o *best seller* como literatura, como uma obra de arte, atribuindo-lhe a posição de um texto quase não-literário, em uma alusão a um processo de valorização do lucro aquiescido pelo quantitativo das vendas; já o Mercado assimila o Clássico Literário como mais um produto à venda, talvez em uma aposta no qualitativo da obra. Ou seja, o Mercado se investe de máquina capitalista que intenta sobrecodificar (Deleuze; Guattari, 2011) o que encontra, seja como matéria quantitativa, que privilegia o consumo em grande escala, seja como matéria qualitativa que privilegia o consumo em nichos mais específicos, ainda que em pequena escala.



A terceira é a máquina moderna imanente, que consiste em descodificar os fluxos sobre o corpo pleno do capital-dinheiro: ela realizou a imanência, tornou concreto o abstrato, naturalizou o artificial, substituindo os códigos territoriais e a sobrecodificação despótica por uma axiomática dos fluxos descodificados e por uma regulação destes fluxos; ela opera o segundo grande movimento de desterritorialização, mas, desta vez, porque nada deixa subsistir dos códigos e sobrecódigos. Porém, o que ela não deixa subsistir, ela o reencontra por seus próprios meios originais; reterritorializa territorialidades perdidas, cria novos arcaísmos onde destruiu os antigos — e ambos se esposam. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 347).

#### Quadro 4 – Entre Linguística e Mercado.

O próprio Mercado capitalista admite a seleção de público, para tal se utiliza da variação linguística.

Fonte: Elaborado pelos autores.

#### Quadro 5 – Entre Gramática, Linguística e Mercado.

O leitor consome a ideia de que o *best seller* tem uma escrita próxima à fala.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Encaramos aquelas quatro folhas rabiscadas e coloridas, amassadas pelas interações dos corpos. Próximo passo. Desejo de voltar para outro ponto. Outras ordenadas, um outro mapa. Atraídos pelo “desejo” (De Araujo; Corazza, 2018; Deleuze; Guattari, 2011) – Quadro 6. Como dizer acerca dos desejos da pesquisa? Talvez, dizer sem dizer. Poesia. Dançar com as palavras. Era para fazer sentido?

#### Quadro 6 – Desejo.

palavras inomináveis / o que se instala na sombra do imperceptível / tudo que o movimento de invenção inquieta / de onde emergem as palavras? / um movimento: um corpo: uma pesquisa / já, agora, antes / (n-1) um devir possível

Fonte: Elaborado pelos autores.

Cai a folha. Desejo também. A folha do perspectivismo ainda ali. Um corpo que pede por mais. Sintomas começam a entrar em ebulição. Queremos voltar a dizer daquelas coisas, mas de uma outra forma. Quais os efeitos desses sintomas? Que sintomas foram recolhidos daquelas perspectivas? “Crítica sintomatológica” (De Araujo; Corazza, 2018) – Tabela 4. Pensar. Perceber. Afetar-se. Quais sintomas de cada perspectiva? E como e porque esses sintomas acontecem?

#### Tabela 4 – Crítica sintomatológica.

	<b>Fascismos</b>	<b>Dualismos</b>
Gramática	Normatiza a língua	Certo ou Errado
Crítica Literária	Esteriotipa a obra de arte	Texto literário ou Não-literário
Mercado Literário	<i>Best seller</i>	Fator de vendas maior ou menor
Linguística	Prevê uma “língua culta”	Formal ou Informal

Fonte: Elaborada pelos autores.



Percebemos a Gramática como um discurso que normatiza a língua e a classifica em certo e errado. Já a Crítica Literária impõe um estereótipo de obra de arte na literatura, sendo o texto literário considerado o “bom texto”. Enquanto o Mercado Literário tem a máxima do *best seller* como aquele texto que deve ser lido. Ou seja, produção de textos para a maioria de leitores possíveis, sendo o “bom texto” aquele fácil de ler. Por outra perspectiva, ainda, a Linguística, apesar de assumir variações, considera a escrita como “língua culta” além de se basear em dualismos: formal ou informal.

Os sintomas das quatro perspectivas couberam em uma folha. Será uma economia de palavras? Beckett; Beckett; Beckett. Como dizer com o mínimo de palavras? Andamos cismando com isso. A folha no chão junto com as outras. Desejo de dizer do “pensamento de partida” (De Araujo; Corazza, 2018) – Quadro 7. Mas, seria um pensamento de partida? Apenas um? E precisa ser uma afirmação?

### Quadro 7 – Pensamento de partida.

(1) Como e por que um texto devém literário? (2) Como um texto se compõe enquanto território? (3) Como tensionar uma literatura menor a uma literatura maior? (4) Como movimentar forma e substância de conteúdo e de expressão em um texto? (5) Como trincar esse texto que carrega a imagem da representação da caverna de Platão? A quem interessa essa imagem de texto?

Fonte: Elaborado pelos autores.

O pensamento de partida preenche-se de questionamentos, problematizações. Não almejamos buscar respostas. Alguns pensamentos, talvez, só façam com que outras problematizações ainda aconteçam. Busca pela busca. Vontade de vida, de poder continuar problematizando. Desejo pela vida: “penúltimo copo” (Deleuze, 1988/1989): nada é definitivo, “(...) o todo é produzido, (...) é parte ao lado das partes, que ele não unifica nem totaliza (...)” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 46).

Vêm-nos a impressão de que vamos roer o último osso: a “clínica maquinatória” (De Araujo; Corazza, 2018) – Tabela 5. Uma folha para falar da invenção-criação produzida na pesquisa. Quais foram os procedimentos? Como isso funciona? Há uma dupla articulação entre crítica sintomatológica e clínica maquinatória. São os sintomas recolhidos, percebidos na crítica, que possibilitam a maquinação-fabulatória de algo. Uma crítica que possibilita vida. Vida que se vivifica nos percursos recursivos de invenção-criação.

**Tabela 5 – Clínica maquinatória.**

	<b>Agenciamento</b>	<b>Procedimentos</b>
Gramática	Agramaticalidade	Retirada e inclusão de pontuação; apagamento de elementos da frase; letra minúscula em todo texto.
Crítica Literária	Literatura menor	Colocar o texto em seu não-lugar; mudar a posição do texto; propor formas-desenhos ao texto.
Mercado Literário	Experimentação	
Linguística	Gaguejar	Esgotamento; vazamento e silenciamento; ritornelo

Fonte: Elaborada pelos autores.



Os procedimentos de agenciamento entre Gramática e Agramaticalidade potencializam uma resistência à norma. Há um esforço de provocar uma “assintaxe” (Deleuze, Guattari, 2015a), resistindo à Sintaxe nos procedimentos de retirada e inclusão de pontuação; apagamento de elementos da frase – principalmente preposições e conjunções –; letra minúscula em todo o texto.

Os agenciamentos de Crítica Literária e “literatura menor” (Deleuze, Guattari, 2017), bem como de Mercado Literário e “experimentação” (Larrosa, 2015), visam explorar a arte enquanto experiência, que se dá tanto na experimentação de escrever um texto, quanto na desacomodação de um leitor por vir: afectos e perceptos (Deleuze; Guattari, 2020) – sensações.

Os procedimentos de “gaguejar” (Deleuze, Guattari, 2015a) encontrados no percurso desta pesquisa tensionam com a Linguística e, talvez, se explicitem da seguinte forma:

1. Esgotamento: esgotar palavras, com a repetição de palavras parecidas;
2. Vazamento e silenciamento: espaços em branco no meio do texto; e
3. Ritornelo: como colocar esse conceito em funcionamento em uma escrita? Tanto em expressão quanto em conteúdo?

Não era o último osso! Percebemos que ainda temos algo a dizer. Aquele monte de ossos até que param em pé. Mas, não dançam! Procuramos, ainda, algo. Rastros de um “escreitor” (Corazza, 2010). Isso pode fazer algum sentido. Desejamos nos deixar capturar enquanto escorregamos por entre os dedos do escreitor. Vontade de ainda dizer. Acontece uma folha sem título – Quadro 8.

### Quadro 8 – Folha sem título.

Maquinações que possibilitaram invenções de textos: ( $\alpha$ ) textos romanescos, em fragmentos e ( $\Omega$ ) texto narrativo-fabulatório. Invenção a partir de um esforço de “Como dizer”. Necessidade de movimentar a língua e a linguagem literária. O fazimento de uma escrita que acontece entre a Literatura e a Filosofia, entre afectos e perceptos; conceitos em funcionamento na escrita. Invenção que se propõe em tensionar a forma e a substância de conteúdo e de expressão na escrita, especialmente a literária.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## 3. CLÍNICA MAQUINATÓRIA

Ao olharmos novamente para as folhas, há a sensação de que dissemos o que podíamos dizer até o momento. “Fluxo e corte” (Deleuze; Guattari, 2011). O mapa ganha vida em órgãos soltos e dispersos. Mas como juntar isso? Seria preciso? Uma tabela não funcionaria. Um texto contínuo não funcionaria. Um corpo fragmentar. Como dizer? O que fazer com isso? Como enredar estas linhas para que elas componham um mapa?

As folhas encaram-nos. Encaramos as folhas. Tudo tão linear, exceto o perspectivismo. Como organizá-lo? E, seria preciso? Talvez fosse mais fácil acompanhar o fluxo das coisas se elas ficassem como e onde estão. Desejamos aquele “rizoma” (Deleuze; Guattari, 2015a). Mas como dizer?

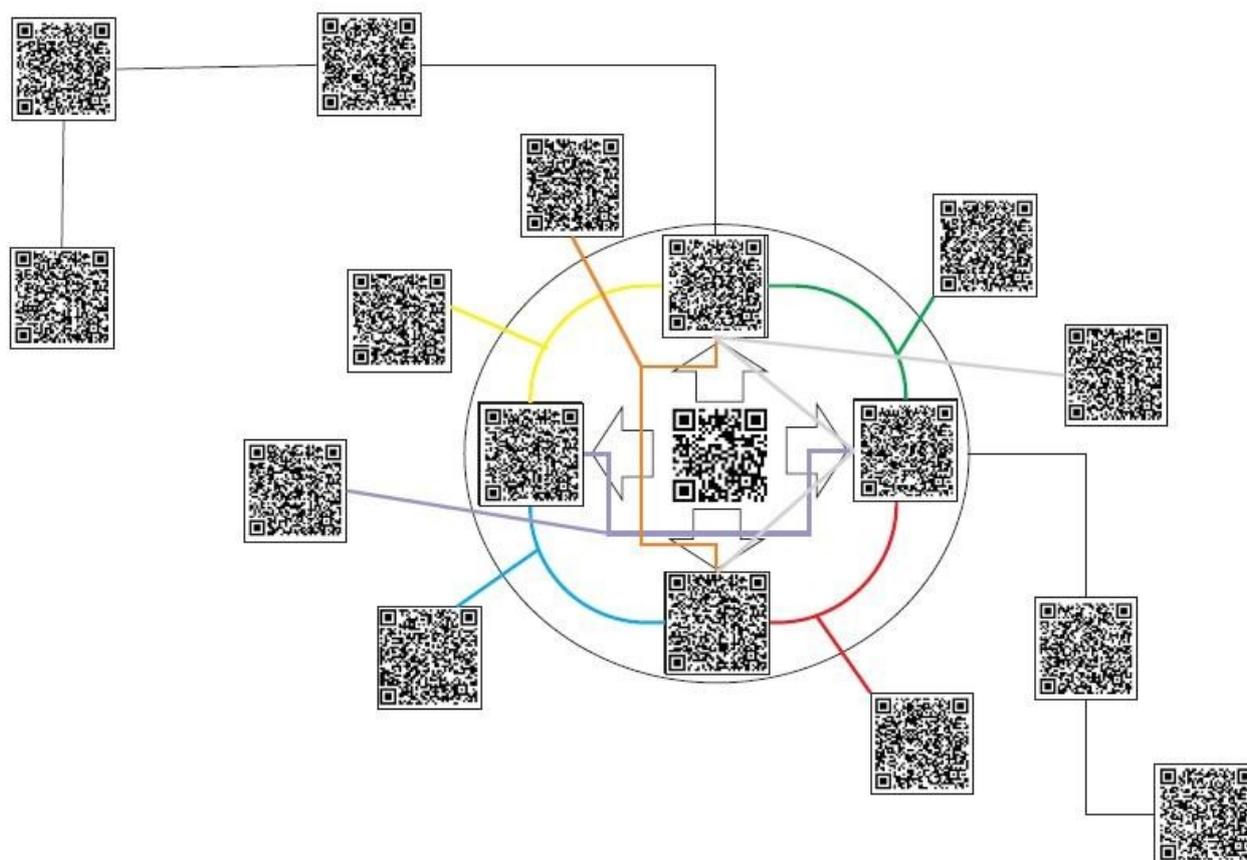


Há uma vontade de fazer folhas soltas caberem em uma folha só. Capturá-las. Como limar aquele texto? Encolher as palavras que já se esgotam não parece ser uma solução. Desejo de um encontro. Ficamos à espreita. Eles nos encontraram: os *QR Codes*<sup>5</sup>.

Em um dia qualquer, sonhamos com uma menina com celular na mão. Apontando-o para um cartaz que continha um desses. Um quadrado cheio de quadradinhos brancos e pretos. Ficamos olhando. Ela sorriu: “Sabes como funciona, né? Tem que ter um aplicativo de leitor no celular. Aí tiras como se fosse uma foto e o *QR Code* te dá acesso à outra coisa”. Um outro Texto (Barthes, 1996) na tela. Eles estão cada vez mais presentes no dia a dia em embalagens, geralmente relacionados a sites e redes sociais de empresas.

Como os *QR Codes* são utilizados em um mapa de percurso de pesquisa? Pendurá-los em forma de móbile<sup>6</sup>? O móbile ficou em nó no perspectivismo. Muitas linhas se interligavam. Encaramos as folhas e o móbile em uma das orientações da pesquisa. Um mapa-rizoma desenha-se, conforme dispõe a Figura 1.

**Figura 1** – Mapa do percurso de pesquisa.



Fonte: Elaborada pelos autores.

<sup>5</sup> *QR Code* é a sigla para “*Quick Response Code*”, em português Código de Resposta Rápida. Trata-se de uma espécie de código de barras bidimensional, criado em 1994, que pode ser facilmente escaneado por telefones celulares.

<sup>6</sup> Objeto geralmente utilizado acima do berço de bebês, o qual serve para decoração, que tem vários braços, cada um com uma figura de pelúcia pendurada.



Para que os *QR codes* funcionem, o texto precisa estar em outro lugar. Não no papel. Um texto se escreve. Ele é colocado em um quadrado. Enquadrado com uma foto minimalista de flor ou de folha. O texto ocupa um território: a rede social Instagram. No papel, inscrevem-se de outra forma: *QR codes*. Um “ritornelo” (Deleuze; Guattari, 2017) de código-texto em funcionamento:

1. Decodificação: é criada a imagem-texto e postada no Instagram;
2. Sobrecodificação: o link da imagem é convertido em *QR Code* através de um aplicativo de celular; e
3. Recodificação: o *QR Code*, impresso no papel do mapa de percurso de pesquisa e o celular do escritor que com aplicativo acessa o conteúdo do *QR Code*.

O movimento acima é apenas uma forma de tentar parar o que acontece e perceber suas partes, que se misturam e se inter-relacionam. Se um ritornelo está ligado a um território, não seria o texto também um território? Falamos em códigos, porque a língua é um código. O *QR Code* tem código em seu nome.

Com os *QR Codes* criados, fizemos uma tradução do que havia sido feito com o papel solto. Jogamos com o mapa de novo. Tudo cabe em uma folha. O agenciamento (Deleuze; Guattari, 2017b) no perspectivismo (Deleuze, 2018) ganha uma ilustração. Círculo, flechas, linhas interligando *QR Codes* e levando a outros. Algumas cores; assim parece mais instigante para um escritor conectar-se. E, por fim, um mapa, um rizoma. Esparrama-se pela página. Cheio de códigos chamando o escritor à relação.

*QR codes*: pontos no caos. Aberto o Mapa Maquinatório de Pesquisa, cada um pode escolher um ponto por onde começar. No caso, o Mapa Maquinatório de Pesquisa compõe o Método Maquinatório de Pesquisa, como um procedimento cartográfico que toca os rastros deixados pela pesquisa, em um gesto didático-tradutório que coloca o escritor em posição de a-traduzir não somente o que se passou pelo funcionamento da pesquisa, mas o que ainda pode vir a passar. Isso coloca o escritor em condições de decodificar o *QR code*: celular na mão; recodificação: um olhar em volta. Acontece um outro lugar-texto. Procedimento de leitura: um ritornelo. Voltamos ao caos. Quantos outros pontos o mapa pode proporcionar?

Queremos que um escritor experimente o texto. Há uma vontade de deixar passar algo que vaza. Uma brecha por onde o escritor possa passar. Este mapa funciona assim: nunca se sabe por onde começar. Uma entrada: ponto zero, o escritor começa por onde quiser, por onde conseguir entrar. O mapa de *QR Codes* provoca isso.

Por onde vais entrar? Aponta um *QR Code* com o celular. Decodifica-o. Para onde isso vai te levar? Quais relações possíveis? Um outro Corpo sem Órgãos. Ordem que pode facilmente se desorganizar. Ordem que só funciona para a pesquisa e os pesquisadores deixarem rastros.



#### 4. TRANSCRIÇÃO E SINGULARIDADE

Os *QR Codes* são utilizados em textos dos mais variados teores. Já era possível encontrá-los até mesmo em livros. Talvez, tenhamos começado a prestar mais atenção. No entanto, há um uso recorrente de *QR Codes* com uma função de apêndice. Ou seja, percebemos que o texto direcionado pelo *QR Code* trata-se de uma leitura opcional, uma faixa bônus que traz outras vozes.

No entanto, no mapeamento do procedimento de pesquisa, os *QR Codes* funcionam como linhas de fuga. Fugimos do texto impresso para o texto online. E a “linha de recursividade” (De Araujo; Corazza, 2017) que os conecta se escreve pelo *QR Code*. Assim, o *QR Code* funciona também como um “buraco de minhoca” (Deleuze, 2018). Um texto que leva a outro texto. No caso, em específico, do impresso ao “hipertexto” (Lévy, 2001) e vice-versa. Tal funcionamento não se limita a ligar textos distintos. Ainda há essa possibilidade de ir a partir de um ponto e voltar a outro, sem seguir uma sequência.

O que pode um texto? O que pode um *QR Code*? Há outras formas possíveis ainda de usá-lo? Como ele funciona em uma pesquisa? Nesta pesquisa, o *QR Code* funciona como um modo de maquinar a composição de um mapa: forma e substância de expressão.

Ademais, o *QR Code* pode se constituir em um devir-estrangeiro na própria língua. Ora, a língua ainda é a mesma, mas há um código de leitura diferente. Língua e código: ora, distinguem-se; ora, misturam-se em um só; ora, mais uma rodada. Com o *QR Code* falamos a língua materna de outro jeito. Fazemos passar outro código para chegar a um outro código-língua.

#### 5. MOVINVENÇÕES COM QR CODES

Movinventar um mapa de pesquisa. Um procedimento de como dizer. “Arquivos” (Foucault, 2008). Arquivos recolhidos. Inventar arquivos. Movinventar: movimentar e inventar arquivos em um mesmo gesto. Um procedimento “didático-tradutório” (De Araujo; Corazza, 2017). Vontade da pesquisa e dos pesquisadores de deixarem rastros. Entre recolher e inventar: “traduzir” (De Araujo; Corazza, 2017). Um contínuo funcionamento. Via de mão dupla. A tradução possibilita que os arquivos dançam. Uma voz insiste: fazer e dizer do que faz. Como? O quanto podemos dizer com isso?

Um encontro com *QR Codes* a partir da necessidade de mapear um percurso de pesquisa. O desejo de uma multiplicidade de modos de usar. Os *QR Codes* funcionam como textos que levam a outros textos, que podem levar a outros e, ainda a outros mais, também. O texto resiste a linearidade e funciona por alastramento, rupturas, tensões, fugas, retenções, paradas, reviravoltas – um labirinto rítmico acontece. Um emaranhado. Uma coisa que leva a outra, mas não se contém. Será que um escrileitor retorna ao texto de partida (De Araujo; Corazza, 2018)? Faz-se necessário o assovio de volta.

Os *QR Codes* convidam o leitor a outros lugares: *Instagram*; *Wattpad*; *YouTube*. De algum modo os *QR Codes* tensionam o texto que se dobra sobre si mesmo, como



forma de potencializar que algo passe. Um texto se inscreve e escreve com outras matérias: um acontecimento, um texto se atualiza. O que passa? Uma máquina abstrata (Deleuze; Guattari, 2015a, 2017b)! O que se passou? Um *QR Code*!

Isso cria uma outra paisagem textual, em que uma multiplicidade de textos mistura-se com uma multiplicidade de outros textos – a composição de uma nuvem caos-textual. São intercessores de conteúdo e expressão, vozes que repercutem, cada qual ao seu modo, cada qual com a sua cor, seu ritmo, sua imagem, seus signos: pinturas, fotografias, gravações, leituras, vídeos, músicas e, assim, o texto escrito retorna diferente. *Os QR Codes* funcionam como índices de escriteitura (Corazza, 2010) no texto e do texto. Índices para outros textos e no próprio texto.

## 6. REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e Seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

DE ARAUJO, R.; CORAZZA, S. Método maquinatório de pesquisa. **Pedagogia y Saberes**, n. 49, p. 67-80, 2018.

DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar: uma atitude didático-tradutória de escrever a vida. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.

DE ARAUJO, Róger Albernaz; SANTOS, Tamires Guedes dos. Tensor: o que passa na escriteitura? **Conjecturas: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 26, e021029, 2021.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BECKETT, Samuel. **Como dizer**. Laboratório de sensibilidades. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2013/04/28/como-dizer-samuel-beckett/>. Publicado em: 28 abr. 2013. Acesso em: 20 maio 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. **Escriteituras**: um modo de ler-escrever em meio à vida. Projeto de Pesquisa Plano de trabalho (Observatório da Educação, Edital 038/2010), apresentados a CAPES-INEP em setembro de 2010. (Texto digitalizado)

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: entre capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2017a. v. 1. Coleção TRANS.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: entre capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2015a. v. 2. Coleção TRANS.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: entre capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2015b. v. 3. Coleção TRANS.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: entre capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2017b. v. 4. Coleção TRANS.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.



FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Lévy, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2001.

NIETZSCHE, Friederich W. **Assim falou Zaratustra**. Porto Alegre: L&PM, 2021.

PLATÃO. **A república**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

Submetido em: **03/10/2023**

Aceito em: **04/04/2024**